

TEIXEIRA DE PASCOAES E O “ESPÍRITO PORTUGUÊS”: BREVES NOTAS PARA UMA REFLEXÃO POSSÍVEL

Ao intervir na Mesa Redonda subordinada ao tema *‘Transversalidade da Poesia e da Filosofia no pensamento e na cultura em Portugal’*, creio ser necessário recordar que esta Mesa surge no interior de um Colóquio sobre Teixeira de Pascoaes; e que, se a espantosamente ampla, e fascinante, problemática que um tal tema suscita poderia ser abordada de múltiplos pontos de vista, e convocando inúmeras figuras, — eu limitar-me-ei (?), aqui, a tomar como ponto de partida, e como aglutinador da problemática em apreço, o poeta de Amarante. De facto, é em torno da sua Obra e figura que as presentes intervenções se têm vindo a realizar; e talvez a simples possibilidade de constituir esse tema de abordagem tenha sido suscitado pelo reconhecimento de que o próprio Teixeira de Pascoaes o impõe, e radicaliza, de algum modo obrigando a integrá-lo em qualquer abordagem que do autor de *Marânus*, e de quanto ele realizou, se pretenda fazer.

De facto, se é comumente reconhecido o carácter multimodo que a Obra de Teixeira de Pascoaes assume, ninguém questiona o facto de ela entrelaçar, de uma forma por vezes subtil, por vezes ostensiva e afrontadora, as dimensões *poiéticas* da Literatura, da Filosofia, da Política, da própria Religião — para não falar também da Pintura... —, numa dinâmica que tende a realizar, a um tempo explicitando e concentrando, alguns dos aspectos principais do que poderia ser designado como um *espírito português*; e se o resultado da sua actividade assume a singularidade e distinguibilidade que o tornam, hoje, referência incontornável do ‘pensamento’ e da ‘cultura’ em Portugal, não poderemos esquecer que muitos dos aspectos considerados problemáticos no seu posicionamento surgem na continuidade de uma tradição secular que, irrompendo em período específico, e

em campo cultural devidamente condicionado, dele fazem o instaurador e o arauto de um *saudosismo* sempre citado, mas cujos antecedentes fundamentais, aparentemente heterodoxos, parecem poder tornar-se perceptíveis. É, assim, e a esta luz, que procurarei apontar, apenas, dois ou três pontos que me parecem essenciais, de forma tão breve quanto possível, — deixando o restante tempo para qualquer discussão que hajam por oportuno realizar.

Disse-o anteriormente: o autor de *A Arte de Ser Português*, ultrapassando quanto no seu ensaio possa afirmar — e que, tendo em conta o próprio título, aponta um sentido específico de pensamento ... — de algum modo actualiza o que pode ser, na sua complexidade, um *espírito português*; e este, aos seus vários e radicais níveis, parece assumir um estatuto muito diverso do que é geralmente considerado, obrigando a uma reconsideração global das suas linhas de desenvolvimento, hoje absolutamente necessária. E se não é este o lugar para amplas explicitações, assumam-se, quase sumariamente, alguns pontos fulcrais. Assim:

1. Escritor, e fundamentalmente poeta, T.P. será, no interior da produção poética, essencialmente, um lírico, — na mais lídima tradição portuguesa. De facto, se a História da Literatura nos entrega os exemplos maiores do que pode ter sido a actividade produtiva portuguesa neste campo, cedo vemos como o lirismo aí assume um papel central e determinante — em continuidade que nem o aparecimento da extraordinária excepção epopeica que é *Os Lusíadas*, ou de alguns brilhantes exercícios de crítica individual e colectiva, e de que as *cantigas de escárnio e maldizer* são paradigma, pode fazer esquecer. Antes, muito antes do *saudosismo*, o 'pathos' português, dominado pela saudade ou pelo *fatum*, instalava um espaço de recorrente nostalgia, se não de tristeza, que apenas determinadas exacerbações sensoriais, sensuais, carnisais, ou mesmo sexuais..., mais tendiam a compensar e equilibrar do que, em definitivo, a substituir ou superar. Instalado no interior de um espaço geográfico de particular configuração, organizando-se com base em conquistas de cavaleiros da aventura e da diáspora, afirmando-se, e mantendo-se, na confrontação directa com dois poderes continuamente ameaçadores — Espanha, de um lado, o mar, do outro —, em notória consciência de fragilidade e de possível perda, assumindo, contra um fundo eminentemente cristão e agónico, dominado pela omnipresença do morte, um entrelaçamento espacial e temporalmente

amplo com matrizes árabes e muçulmanas, — há uma permanente fixação quer num presente fugaz e degradado quer numa esperança de realização sem lugar definido, utópico, e de que a recuperação, pelo sentimento, em espaços de pensamento ou sonho, podem constituir modos necessários de problemática equilibração. A este nível, o lirismo, cântico da falta e da ausência, da lembrança ou da recuperação utópica, é eminentemente *trágico*. Pascoaes é lírico, e é trágico.

2. Se Portugal é, como se diz, um país cristão, e, desde sempre, católico, parece importante ver que uma importante corrente da religiosidade, e do catolicismo português, tem um carácter particular, e onde existe o que pode ser uma presença heterodoxa extremamente forte. Desde Joaquim de Flore, com o seu culto do Espírito Santo e cuja presença intelectual, indirecta ou residual..., em vários sectores do pensamento ainda se faz sentir, até ao primado assumido pelas Ordens mendicantes, logo no início da independência pátria, quando a pregação destas afrontava poderes institucionais eclesiásticos; desde a atenção sempre mais marcante no espaço do pensamento português a uma teologia da *graça*, de matriz agostiniana, do que à teologia racionalizadora e oficial oriunda de S.Tomás; desde a dificuldade de impedir, entre nós, a proliferação de práticas de uma religiosidade dobrada por cultos subterrâneos de que bruxaria e esoterismo, com adesão popular evidente, são sinais e desvios extremos, até, em bem contrário registo, certas manifestações interiores à própria Igreja mas em que algumas figuras de Santos, ou a da Virgem Maria, parecem assumir um papel central na fixação de aderentes, assim quase se sobrepondo à Entidade nuclear de culto e reverência, e às suas determinações teologicamente consideradas; desde a religiosidade crítica e ‘aberta’ de quem com múltiplas religiões se enfrentou, e nelas viu aspectos de problemático fascínio, até ao pensamento de clara religiosidade heterodoxa de grandes pensadores portugueses, de Antero a Sampaio Bruno, de Amorim Viana a Junqueiro ou a Raul Brandão, de... — o que existe é uma corrente crítica contínua que os tempos actuais menos cerram do que amplificam. A esta luz, o pensamento de Pascoaes não é, também, alheio a toda esta problemática. Se entre Cristo e Pã pode referencialmente oscilar, se enfatiza um franciscanismo de matriz afectiva, se religiosamente evita, ou mesmo denuncia..., a codificação e a burocratização institucional, se pensa, inclusivamente, a possibilidade de uma ‘igreja portuguesa’, e se a *graça*, qualquer que seja o nome por que se dê — ou deixe

dizer, mesmo que esse seja o de *gênio*... — impõe um espaço de reverencial condição, — Teixeira de Pascoaes integra a grande lista daqueles que, movidos por uma aguda consciência do *mistério*, fazem da palavra e da moderna *procura*, contínua e essencializadora, o modo da re-ligação inquieta . E da angústia, maior ou menor, real ou ficcionalmente assumida, o seu território, — em disposição que apenas um Deus distante, ou infinitamente pessoal e próximo, talvez inominável porque interior ao próprio sujeito, e nele se abrindo, poderá aplacar. A esta luz, a religiosidade de Pascoaes é um espaço de perturbadora manifestação — como, creio, à grande maioria dos portugueses parece ser concedido que seja. E as grandes biografias de Santos que escreve, na última parte da sua vida, e no carácter polémico de que as reveste, são disso exemplo.

3. Se é possível referir as dimensões filosóficas da produção de Pascoaes, elas encontram ao longo da sua Obra um espaço de inquieta afirmação, mas de expressão necessariamente contrária a muito do que é geralmente referenciado como convindo ao espírito que marca a cultura portuguesa. De facto, se este é ligado, de forma habitual, à cultura francesa, e ao pensamento francês — sempre me pareceu o espírito português, nas suas múltiplas dimensões, e independentemente das manifestações e preocupações de um ou outro período específico, mais próximo — e não por razões de ordem geográfica ou linguística... — dos exemplos e cuidados que marcam a cultura alemã, e o espírito alemão, do que do espírito geométrico de que Descartes, com razão ou sem ela..., tem sido sempre considerado o grande paradigma, e que encontra nos racionalismos do Iluminismo e do Positivismo, e nas múltiplas construções e constituições que deles decorrem, desenvolvimentos assinaláveis. Sem embargo do seu conhecimento e prática, o espírito português, como a tensão religiosa deixa ver, e o carácter lírico acentua (ou como a tensão lírica acentua, e o carácter religioso deixa ver...), tende a recusar qualquer racionalismo restritivo para se abrir a dimensões de inquieta consciência crítica, enquanto busca a resolução dos seus problemas na solução imediata, na aventura, ou no excesso. Depressivo ou euforizante, como é habitualmente referido, dificilmente o espírito português aceita exclusivamente a frieza das construções claras e nítidas, dos trabalhos metódicos e antecipadamente tidos como limitados, dos grandes movimentos colectivos e participados para realização de objectivos específicos, mesmo que aparentemente interessantes: a sua busca é a da afirmação individual,

frente aos outros e frente à morte, a consciência da onnipresença desta, o exercício de uma dimensão crítica exacerbada, qualquer que seja o meio e o modo como se exerça, a procura de formulações rápidas e englobantes, um espírito de conquista suficientemente agudo para eventualmente compensar a consciência da falta. Dificilmente clássico, os grandes campos produtivos portugueses parecem ser os que o espírito barroco e o do(s) romantismo(s) possibilitaram: aqueles em que lirismo e trágico se manifestam privilegiadamente, mas também aqueles em que desmesura e ambiguidade (da força; da carência) correm a par. Nada espanta, assim, que na maioria dos grandes pensadores portugueses do fim de século seja, creio-o bem..., muito mais visível a presença de Schopenhauer ou Nietzsche do que dos exemplares franceses; e se Kant ou Hegel são também, em tais portugueses, figuras incontornáveis, algo não pode ser esquecido: ignorada, ou geralmente subalternizada, a *Teoria das Paixões da Alma*, a racionalidade kantiana, ou hegeliana, manifestam-se numa dimensão de escrita e de construção aprofundante, amplificadora e, a vários títulos, labiríntica, que (e por mais tributários que, necessariamente, os dois autores, e quantos se lhes seguem, possam também ser do francês ...) os coloca bem longe do espírito do *Discurso do Método* ou das *Meditações Metafísicas*. Simples questão, assim, de estilo? Não o creio: para os nossos intelectuais existe, antes, a consonância com uma exigência de progressão abarcante, com uma consciência aguda da dificuldade apreensiva e explicitativa, com a exigência de uma arquitectónica a um tempo sólida e sempre problemática, com a necessidade assumida de enfrentar (e resolver?), conceptualmente, problemas centrais que a época, através das suas grandes figuras românticas, de Novalis a Goethe, de Schleiermacher aos irmãos Schlegel, a..., iam colocando; e também: com a adesão implícita à 'revolução copernicana', e à radical dinâmica antropológica que ela veiculava ... E no mesmo espaço original, de Schelling a Marx, de Hartmann e Brentano a Freud e Husserl, e Heidegger, e mais próxima a Escola de Frankfurt, e..., todos encontraram na inteligência portuguesa uma adesão que, embora muitas vezes por mediação francesa, na sua influência directa ou indirecta, parece ser extremamente forte. Quase, talvez, se pudesse dizer: dos místicos renanos, e de Maître Eckart, a Scheller ou a Walter Benjamin, nunca o pensamento português se terá considerado distante do que em tal área ocorreu, mesmo que o seu conhecimento fosse indirecto ou tardio. As referências existiam, e a consonância, possivelmente, também.

A esta luz, o carácter do pensamento português, tão amplamente realista quanto marcado por uma dimensão afectiva, crítica e subjectivista, extremamente forte, surge sob uma dimensão dupla: mesmo quando fascinado pelo pensamento mais complexo e exigente, e pelo carácter orgânico e estruturado que ele manifesta, organiza-se e trabalha predominantemente (muitas vezes, por preguiça; outras, por atávica desconfiança do alcance e eficácia dos grandes discursos, não obstante a atracção que estes sobre ele exercem) na procura sintética e concentrada de formulações exemplares, e breves, capazes de libertarem o sujeito quer para a acção imediata e directa quer para a contemplação, — a um tempo dando conta, e balizando o percurso, de uma e outra. Sentenças, aforismos, máximas, ou textos de dimensão variável em prosa ou verso, ..., tendem, se não a substituir as grandes discursividades reflexivas, a constituir-se como os lugares de radical e instantânea explicitação de uma visão especial do Mundo, com entrelaçamento das dimensões éticas, gnosiológicas e estéticas — de algum modo superando todos os específicos, e limitativos..., domínios que sob tais designações se foram organizando. E parecem tais formulações constituir-se como pontos de máxima concentração e de máxima irradiação de pensamento — e de máxima profundidade e amplitude: pontos aglutinadores, assim, de um sentir comum — e da sua partilha possível. Como, dos pré-socráticos a Nietzsche, se tornava possível reconhecer...

4. É (creio-o..) a estes níveis, e no seu entrelaçamento, que a figura de Pascoaes opera no interior do campo cultural português, — enquanto constrói a Obra incontornável de que hoje nos ocupamos. De lado deixei, propositadamente, qualquer referenciação às posições políticas, elas mesmas tributárias de muitos dos aspectos anteriormente citados. Entre uma sua posição tendencialmente anarquicante e a profunda tradição individualista, e, a nível organizativo, municipalista, portuguesa, há alguns nexos que uma abordagem teórica não pode esquecer — mas que sempre fugirá aos modelos centralizadores, dirigistas e formais de uma administração burocratizante e distanciada. Para Pascoaes, como parece óbvio, no limite do que a língua portuguesa consente, *só se constitui como sentido aquilo que fôr sentido*; e nesta mesma dinâmica, a um tempo de máxima consciência do real circundante e de máxima consciência da própria consciência, e do sentir que nela se revela, e das múltiplas dimensões que este sentir comporta, a começar pelo que decorre da *memória* das coisas e dos

lugares, e a continuar pela *visão* das possibilidades que os dados mais elementares exigem que seja concebido, tudo se jogava. Como tudo, talvez, se jogue ainda...

É, assim, no interior desta procura, e atravessando as suas múltiplas possibilidades, que Pascoaes me aparece como capaz de quase impôr uma abordagem fecunda do tema proposto para esta Mesa; mas é, também, e tendo em conta a amplitude de tal tema, que penso que qualquer tratamento de Pascoaes que se alheie desta transversalidade e deste aprofundamento será sempre limitativo da grandeza do Poeta do Marão.

Diogo Alcoforado

